



## Dossiê

### **Espaços da literatura na América Latina: biblioteca, escola e comunidade**

Rememorando os movimentos das teorias literárias, caminhamos em busca de entender a dimensão do/a leitor/a como partícipes dos estudos das manifestações artísticas. Com os desenvolvimentos das teorias linguísticas e com a ênfase dada aos estudos formalistas até meados do século XX, a teoria literária se voltou para a análise imanente das produções estéticas. Já no início dos anos de 1970, Robert Jauss, representante da Escola de Constanza, criticava a concepção formalista, entendendo que essa proposta não considerava a recepção leitora. O modelo crítico defendido pelos estudiosos da recepção coloca em evidência o/a leitor/a e os modos de ler como fundamentais na proposição de uma nova história da literatura. Além disso, Wolfgang Iser introduz a ideia da participação do “leitor implícito” na construção do sentido no processo de leitura literária.

A partir de avanços teóricos, Roger Chartier afirma “que a leitura não está, ainda, inscrita no texto, e que não há, portanto, distância pensável entre o sentido que lhe é imposto (por seu autor, pelo seu uso, pela crítica etc) e a interpretação que pode ser feita por seus leitores; conseqüentemente, um texto só existe se houver um leitor para lhe dar significado” (1994, p. 11). Dessa forma, consideramos que, no trânsito entre a leitura individual e a leitura coletiva, a teoria (ou teorias) da recepção é responsável por modificar o ensino de literatura, anteriormente pautado em uma concepção positivista e formalista, passando a vigorar centrada em uma concepção que privilegia o/a leitor/a em formação.

Entendemos, sob esta perspectiva, que a leitura literária - em espaços coletivos como bibliotecas, escolas e comunidades - permite, além da construção de uma



“biblioteca pessoal”, a criação de “bibliotecas coletivas”, pois oferece a oportunidade de discutir sentidos, análises e interpretações. As referências comuns e o repertório compartilhado de leitura tornam-se a base de um intercâmbio que permite negociações culturais, sociais e pactos interpretativos.

Viver juntos pressupõe compartilhar referências comuns, o que leva a experiências de sociabilidade, Chartier destaca a importância da comunidade quando pensamos nas leituras realizadas em grupo. Para o historiador, “cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade” (CHARTIER, 1999, p. 91-92). Stanley Fish, teórico vinculado ao *New Criticism*, compreende que nas comunidades interpretativas o que temos são ‘leitores cujas consciências são constituídas por um conjunto de convenções que quando postas em operação constituem, por sua vez, um objeto convencional e convencionalmente percebido’, postulando que nem textos e nem leitores/as estão isolados. Desse modo, os sentidos se dão em relação com o/a outro/a ou com outras manifestações artísticas.

Colomer (2005), pesquisadora que se dedica a formação leitora, acrescenta que a leitura é um processo de aprendizagem social e afetivo, constituindo-se como base para a formação de leitores/as, pois “permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referência e cumplicidades mútuas” (p. 143).

Em territórios empobrecidos materialmente, onde há pouca circulação de produções literárias e artísticas, é significativo desenvolver ações e práticas que reforcem a difusão e o acolhimento as pessoas e das artes em comunhão, a fim de sensibilizar para a leitura. Entendemos, então, os espaços de leitura literária compartilhada como um refúgio de cultura (s) e subjetividades, nos quais torna-se necessário um respiro do cotidiano e abrem-se as vias sensíveis para a experiência estética.

Partindo de abordagens teóricas que envolvem leituras literárias socializadas na América Latina, este dossiê se apresenta com o objetivo de refletir sobre experimentações com as artes em espaços coletivos, como biblioteca, escola e comunidade. As



pesquisadoras proponentes do dossiê, em perspectiva interdisciplinar (Letras, Educação e Biblioteconomia), unem-se com o intuito de refletir sobre os espaços de socialização da literatura e das artes e a Revista Frontería, publicação do programa de Pós-graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, acolhe a proposta em seu primeiro volume, por acreditar que a fruição e a crítica literária não se restringem ao *lócus* teórico, mas amplia-se como oportunidade de análise empírica do movimento da *práxis*, enfatizando as concepções de literatura e de crítica literária de um programa que pretende contribuir para descolonizar (decolonizar) as formas de pensar, ensinar, ser e sentir em espaços acadêmicos.

Em seu artigo, *El mundo de la vida y la biblioteca pública: una mirada desde la literatura y sus diversos modos de aparecer*, a pesquisadora Paola Isabel Roa apresenta, na perspectiva epistemológica oferecida pelo conceito de Mundo da Vida (Husserl), reflexões e vivências de bibliotecários e promotores de leitura da RNB (Red Nacional de Bibliotecas Públicas de Colombia), reconhecendo a literatura como campo simbólico para a construção de mundo e em suas relações com a escrita, oralidade e práticas de transmissão de mediação cultural. Seu artigo contribui para a valorização das figuras dos bibliotecários e promotores de leitura.

No mesmo sentido, Leonardo Montes Lopes e Renata Junqueira de Souza, no artigo *Biblioteca e comunidade escolar: propostas democráticas e coletivas para as escolas de Rio Verde, GO*, têm por objetivo contribuir com as bibliotecas da região estudada, apontando possibilidades reais de mudanças para os equipamentos bibliotecários nas escolas, tendo como alvo a formação de leitores e a promoção do espaço da biblioteca como ambiente de apropriação e cultura. O autor e a autora vão enfatizar, especialmente, a necessidade da formação literária dos/a mediadores/as de leitura.

Em outro espaço, as autoras Naiane Carolina Menta Tres e Elisa Maria Ficanha Furlan, em *A leitura em/de uma biblioteca escolar em La Habana*, desenvolvem a análise de uma biblioteca escolar na capital cubana a partir da observação do equipamento bibliotecário e de uma entrevista realizada com a bibliotecária responsável. Ao longo da reflexão destacam aspectos como amplo acesso da comunidade ao acervo, a isenção de



“multas” aos usuários e ações de promoção histórica e literária como orientações importante para os ambientes de leitura literária e de acesso à informação nas escolas.

O artigo de Renata Toigo, *Experiências de leitura compartilhada como prática de liberdade*, defende a leitura da literatura como prática de liberdade cultural. Analisa as experiências dos Clubes de Leitura promovidas pelo projeto Cirandar e defende que espaços populares não formais de educação atende os que são deixados às margens da sociedade, não como forma de resolver todos os problemas, mas como forma de fortalecimento para enfrentar a luta pelos seus direitos.

Edwin Muñoz Guerra, em *Espacios colaborativos en sectores populares de Bogotá*, vai propor novas atitudes em espaços culturais, visando a construção de alianças, a formação orientada para a criação, a curadoria de recursos e ferramentas (analógicas e digitais) e a preocupação em garantir o acesso equitativo, orientando para um outro papel do bibliotecário/a, pois assumem a função de facilitadores/as que dão liberdade para o usuário explorar, experimentar e navegar juntos em busca do conhecimento e experiências compartilhadas.

Finalmente o artigo *Uni, duni, tê, o escolhido foi você: seleção de obras literárias na educação infantil*, Andreia dos Santos Oliveira, Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto e Zélia Inez Lázaro Rodrigues, discute critérios para a escolha de livros de Literatura Infantil para as crianças e defende que a seleção não pode ser aleatória, mas firmada em conhecimentos fundado nas teorias críticas da literatura infantil e com vistas formação humanizadora.

Mariana Cortez (UNILA)

Renata Junqueira de Souza (UNESP)

Natalia Duque Cardona (UdeA/Universidade de Antioquia, Colômbia)